

EDITORIAL: DISPUTAS SEM LIMITES

A China chegou para ficar. É fato. Mas sua presença representará mais um polo imperialista, alternativo ao estadunidense, ou representa uma efetiva política de colaboração Sul-Sul? Em qualquer destas possibilidades, o que isto implica para os países da América Latina e da África? Este, em linhas gerais, é o objeto da edição 255 dos Cadernos do Ceas, abordado por alguns dos mais importantes pesquisadores de Centros de Investigação de diversos estados brasileiros e da China.

Deste modo, os Cadernos, depois do problema técnico que deixou leitores e colaboradores sem acesso à sua plataforma virtual, ratifica mais uma vez o seu compromisso com a reflexão científica, crítica e de qualidade sobre os rumos do Sul global, e do Brasil em sua inserção na ordem internacional.

O debate deste tema é ainda mais crucial, tendo-se em conta a atual conjuntura latino-americana e brasileira. Neste caso, em 2022, com eleições para presidente, governadores e legisladores nacionais e estaduais, depois de quatro anos de desconstrução de políticas públicas, destruição ambiental, irresponsabilidade sanitária e ameaças institucionais. Ao nosso lado, Bolívia, Argentina, Peru e Colômbia buscam uma correção dos rumos políticos recentes, após experiências neoliberais ou golpes exasperantes, além do Chile, que, adicionalmente, busca se livrar da herança constitucional pinochetista.

Em outubro, o Brasil poderá redefinir os caminhos nacionais: vamos aproveitar as possíveis oportunidades do contexto internacional para aprofundar o modelo econômico agro-minero-exportador em sintonia com os projetos estrangeiros para o Sul global? Ou, buscaremos alternativas de desenvolvimento, que envolva nossos vizinhos, que priorize as demandas socioeconômicas e ambientais do conjunto da população, particularmente, das classes trabalhadoras e dos grupos étnicos vítimas do histórico apartheid sócio racial?

Enfim, na América Latina, como no Brasil, o retorno efetivo ou potencial de setores progressistas aos governos coloca, para os movimentos sociais e as organizações da sociedade civil continentais, e não só para as corporações e organizações estatais desses países, a necessidade de aprofundar a reflexão sobre suas respectivas realidades, sobretudo, ante a configuração mundial “pós-pandêmica” de confrontação cada vez mais aberta entre



as potências estrangeiras, da qual a guerra na Ucrânia, entre tantas, é apenas o evento mais “quente” de uma “guerra fria” renovada, também em ameaças nucleares.

Nesse sentido, a crescente presença externa, política e econômica, da República Popular da China – numa era de fortalecimento da cooperação estratégica bilateral com a Federação Russa, de “amizade sem limites”¹, amplia o sentido de urgência da análise proposta nesta edição.

É a partir deste ângulo de observação que os Cadernos do Ceas convidam à reflexão.

Boas leituras.

Joaci de S. Cunha e
Ângela Borges,
Editores.

¹ Ver na Secção Documentos “Relações Internacionais em uma nova era do Desenvolvimento Global Sustentável”. Declaração Conjunta da Federação Russa e da República Popular da China (“Joint Statement of the Russian Federation. And the People’s Republic of China”).